

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA ¹

Entrevistadores: Gustavo de Oliveira e Leticia Bruni

Entrevistado: Valdir Flores Teixeira

São Paulo, 28 de maio de 2024

Duração: 01 hora e 12 minutos

Realizada no Ateliê de gravura do Departamento de Artes Visuais - ECA USP

Leticia: Você autoriza a gravação desta entrevista?

Valdir: Sim!

Leticia: Então, para começar a gente queria que você se apresentasse. Nós queríamos saber um pouquinho mais sobre você, seu nome, onde você nasceu e tudo mais o que você achar importante...

Valdir: Meu nome é Valdir, Valdir Flores. Sou técnico de gravura, nasci em São Paulo e comecei minha profissão no Ateliê de Gravura, chamado Ymagos, aqui em Pinheiros, que foi fundada por Octávio Pereira, que foi impressor nos Estados Unidos, fez um curso na Gemini e veio para São Paulo, depois de trabalhar nos Estados Unidos como impressor. Aqui ele formou um ateliê

Valdir: Nesse ateliê, meu tio começou a trabalhar, aprendeu o ofício, virou impressor de litografia e eu com 17 para 18 anos pedi para trabalhar lá, pois eu gostava muito da arte da litografia. Com 18 anos eu iniciei nesse ateliê da Ymagos, onde você começa como ajudante e vai sendo ajudante de prensa, na parte de granitagem até se formar impressor.

Valdir: Eu fiquei nesse ateliê trabalhando 13 anos, até que foi ficando mais fraco o mercado e foi fechando as vendas. Eu fui um dos últimos impressores a permanecer lá. E nesse meio tempo eu aprendi gravura em metal, a calcografia, eles montaram um espaço para a gravura em metal, e nos últimos anos eu também me formei como impressor até sair de lá.

Valdir: Nesse momento, eu comecei a trabalhar com os artistas no ateliê deles, como o Arnaldo Battaglini, e com outros artistas até ir para o Sesc Pompéia.

Valdir: O legal é que eu tinha experiência em trabalhar com o individual, só com o artista. No Sesc Pompéia, no curso Livre, junto com o Evandro Carlos Jardim, ele me fez um convite, fomos apresentados e começamos um curso no Sesc que se chamava “Arte e movimento” que unia todos os ateliês, o de pintura, escultura, cerâmica e gravura em poucos dias. Até que no outro semestre começamos um curso regular de gravura em metal.

¹ O estilo de transcrição escolhido se propôs a corrigir questões gramaticais e fazer outras adequações, sem mudar o sentido da fala.

Valdir: Ficamos mais ou menos 15 anos trabalhando juntos. Legal é que aí eu aprendi a trabalhar com o coletivo, com muitos alunos, chegou a ter mais de 40 alunos nesse curso de gravura no Sesc, onde virou uma referência para os outros ateliês para São Paulo, que se espelhavam nesse ateliê e nesse espaço de criatividade. Lá tinha pintura, não só gravura, também tinha escultura, cerâmica, parte de marcenaria, tapeçaria e costura, diversos cursos que fizeram com que o Sesc Pompeia fosse uma referência para São Paulo.

Valdir: Até que [...] eu fui convidado pelo Marco Buti, pois estava abrindo uma vaga para técnico na USP e ele foi lá me convidar perguntando se eu tinha o interesse de trabalhar lá pois precisava de um técnico com experiência para ficar no ateliê. Na época eu comentei com o Buti que até queria trabalhar lá, mas se fosse possível continuar no Sesc, eu gostaria.

Valdir: Aí nós arrumamos um jeito para que eu continuasse no Sesc, eu fazia 1 hora a mais durante a semana e na sexta-feira a tarde eu ia para o Sesc Pompéia. Isso aconteceu até que houveram umas mudanças internas e eu não pude mais ir para lá, aí permaneci aqui na USP.

Valdir: Eu sou técnico e impressor de gravura, auxílio com os professores: Marco Buti, Claudio Mubarak e Branca de Oliveira, ajudo os alunos e já estou aqui há 23 anos, gosto e amo o que eu faço. Não acho que eu não me veja em outra profissão que não seja no meio das artes, no meio da gravura.

Letícia: No começo você passou muito rápido por como você começou na gravura, será que você podia falar um pouco mais. O que que é um auxiliar e o que te encantou ali para você começar.

Valdir: A gravura me encantou quando eu tinha 15 anos. Esse meu tio era impressor já fazia 20 anos. Em um aniversário da família, tinha na moldura da parede um gravura e ele começou a falar sobre litografia, sobre como é que era feito. E eu ali, com 17 anos fiquei escutando aquilo.

[...]

Valdir: Falei “nossa, isso que eu quero fazer, adorei!” Só que eu não tinha porte físico, não tinha idade para ainda iniciar no ateliê, então precisei ficar com 18 anos, eu insistia para ele. Lógico que antes com 16 não me deram, daí com 18 anos e eu insistindo, ele me indicou e eu entrei para trabalhar.

Valdir: Lá, não é que era uma escola de impressores, era uma gráfica que o forte era a litografia. Mas ali eu vi uma oportunidade de uma profissão, uma coisa que eu gostei com meus 15 anos, daí eu vi uma oportunidade numa profissão e permaneci lá. Você iniciava preparando pedras para os artistas, não era curso regular, então os artistas iam lá porque eram convidados pelo dono do

espaço, o Octávio Pereira.

Valdir: E eles não conheciam a técnica. Não precisava conhecer a técnica, precisava desenhar, saber desenhar, pintar e nós preparamos toda a matriz para ele. Aí tinha o que preparava as pedras, eu entrei nessa parte, e depois de preparar a pedra, passava para o artista. Ele desenhava, depois o impressor e o auxiliar fazia as cópias, e se aprovado, eles faziam a tiragem.

Valdir: Podia corrigir alguma coisa nesse momento, ele acordava mexer na imagem e se faz uma tiragem. E era muito legal por que esse espaço tanto podia trabalhar o artista de nome como: Maria Bonomi, Renina Katz, Roberto Burle Marx fez litografias lá, passou o Carlos Scliar, diversos artistas, mas ele dava uma oportunidade para quem estava iniciando. Isso era livre. Então o artista apresentava o seu trabalho e o Octávio Pereira fazia uma avaliação e fazia uma pequena tiragem e lançava no mercado como se o mercado absorvesse isso.

Valdir: Se o mercado começava a comprar aí fazia mais. E o artista também ia crescendo dentro do espaço. Muito legal. Então eu comecei na parte de granitagem, fiquei dois anos na parte de granitagem, depois eu fui para o que chamamos de esponjador, que é o auxiliar na prensa que vai ajudar na impressão, umedecendo a matriz.

Valdir: Fiquei ali por cinco anos até eu virar impressor, porque quando você vira impressor você tem uma prensa e tem um espaço para você trabalhar. Depois de muitos anos eles montaram um ateliê de metal, a calcografia, e colocaram esse espaço para eu aprender. Nesse momento, eles passaram por uma crise no mercado, o que fez com que os impressores de gravura em metal fossem mandados embora, e aí eu fui colocado nesse espaço. Eu adorei a gravura em metal, também porque era mais leve, a lito era mais pesada e tinha que produzir muito mais, até hoje o que eu faço de gravura é em metal, eu adorei!

Letícia: Você demorou quanto tempo para fazer sua primeira gravura desde que você entrou?

Valdir: Eu já fiz no próprio espaço como impressor

Letícia: Mas nesses dois primeiros anos que você estava lá?

Valdir: Não [...] muitos anos depois

Letícia: Você lembra qual foi a primeira coisa que você imprimiu para outra pessoa assim? Quais foram as primeiras coisas.

Valdir: Da Lito foram diversas imagens. Funcionava assim, tinha os artistas que tinham o nome do mercado, que vendiam muito, e tinham um impressor chefe que era o meu tio. Lá havia uma

hierarquia, então artistas com mais nome passavam com ele.

Valdir: Como eu estava começando também, eu trabalhava com os artistas também que estavam começando, era bem legal.

Letícia: Tinha muita gente no espaço? Quantas ajudantes tinha mais ou menos?

Valdir: Então chegou a ter sete prensas de lito, ou seja, 14 funcionários, sete impressores o mais que trabalhava na parte de limpeza da pedra, tinha um funcionário que fazia uma avaliação da tiragem depois de pronta, limpeza das margens. Tinha uma pessoa só para recolher os trabalhos da secadora. Nós chegamos a produzir 3000 gravuras por mês. Isso com quatro/cinco cores, então se produziu muito, viramos uma referência. Lógico que o mercado mudou e entrou outros tipos de imagem, pressão do mercado e como era muito caro, se produzia muito, foi diminuindo bastante o preço.

Valdir: Os funcionários e os impressores foram diminuindo bastante, até ficar só com uma prensa, no Brasil não tem o apoio do governo para dar continuidade dessa arte na gravura [...]

Letícia: Entendi. Bom, se você quiser ir preparando a pedra, daí nós vamos perguntando mais coisas durante o processo

Valdir: A lito é a única das técnicas de gravura, entre a serigrafia, a xilo e o metal, que você tem que guardar com a tinta. A serigrafia você não pode guardar com a tinta porque você entope o fio da tela. A xilo dependendo do tipo de madeira que você está usando, madeira com bastante textura, você tem que limpar. A gravura em metal também, senão começa a entupir os cortes e aí vai complicar na cópia.

Valdir: Aqui você tem que guardar com tinta, toda vez que for fazer uma nova cópia, tem que tirar a tinta antiga e colocar uma tinta nova.

Letícia: Porque nesse caso a tinta não entope?

Valdir: A lito é um processo químico, não tem cavidade. Aliás, não é litogravura, é litografia. A tinta fica na superfície plana, então tem o corte, o que pega e absorve a gordura é o que tem no material, tanto no lápis, quanto na tinta. Então, se eu guardar a pedra, tirar toda a tinta ou guardar assim sem tinta nenhuma, ela queima e não imprime mais, então ela tem que ser guardada com tinta.

Valdir: Como tinta é gordurosa e o que pega na pedra é gordura, assim, mantém ela protegida por mais tempo. Eu posso pegar uma pedra, mesmo que ela foi mal guardada, você tem que aplicar

uma goma sobre a pedra, mesmo que ela não for protegida, eu aplico uma goma fininha e tiro erra tinta com thinner e ativo de novo essa imagem. Lógico que dependendo do aconteceu com a pedra a imagem pode estar riscada e pode aparecer outras informações.

Valdir: O bonito é que a pedra é viva, né? Porque eu posso apagar essa imagem, lixando né? E eu ativo a imagem quantas vezes for preciso. Lógico que quando você vai lixando ela vai ficando mais fina, mas aí nós podemos colocar um mármore ou um granito que deixa ela mais forte de novo.

Letícia: Que pedra é essa?

Valdir: É um calcário, mais ou menos 80% de carbonato de cálcio, ela não é tão dura, é mole e ela sofre com a pressão da prensa que dá mais ou menos entre 2 e 2,5 toneladas, então se ela fica muito fina ela quebra. Outra coisa, ela tem que ficar sempre muito plana, se tiver buraco ou irregular, o que aumenta a pressão, ela quebra também. Olha lá na prateleira um monte de pedra quebrada.

Valdir: Essa parte é tão bonita, parece que está tudo perdido, um borrão. Mas o que está acontecendo aqui é que eu apliquei uma goma arábica na imagem, em cima da pedra, como o desenho é a base de óleo, e goma é a base d'água, quando eu passo na pedra ela só pega nos brancos (partes sem a tinta preta), pois o óleo repele a goma, ela faz uma máscara em volta do desenho e fica nos brancos. Agora quando eu joga água a goma vai sair, a goma sai, sai a proteção, sai a máscara e revela a imagem.

Letícia: Isso é tinta offset?

Valdir: Isso!

Valdir: Aqui o processo é de hidrofilia. Como fiz a máscara com a goma e a tinta não pegou nos brancos, agora a tinta pega só na imagem, também porque a tinta é a base de óleo e o desenho é com material oleoso.

Valdir: Se eu deixar secar... (demonstração da técnica na pedra) Dias muito quentes fica mais difícil porque a pedra vai secar mais rápido. O ideal é que as temperaturas estejam em 20 graus.

Valdir: Vamos para a prensa?

Letícia: Vamos.

Letícia: Você tem alguma gravura ou artista favorito?

Valdir: Eu gosto do Evandro Carlos Jardim, eu gosto muito das gravuras dele.

Letícia: Por que?

Valdir: Eu me identifico muito com a imagem e o desenho dele, e ele faz gravura em metal, que é o que eu gosto mais

Letícia: Você prefere gravuras em metal do que lito?

Valdir: Prefiro, a lito é plana e o metal não. O metal pode ser uma escultura, é tridimensional, vai para cima e para baixo e técnicas elas saltam. A lito evoluiu, foi embora, virou offset, tá nas impressoras e o metal não, ela tem relevo, isso a lito não te dá, ela cumpriu o papel dela dentro da gráfica, começou e foi embora com a evolução. No metal, ele junta o desenho, a pintura a escultura, um simples gesto com um objeto de corte, uma ferramenta, você pode pegar uma lixa, fazer um cinza, uma textura. Tem diversas técnicas na gravura em metal e isso que me encanta.

Valdir: Depois de acertar a pressão e aí inicia a escolha do papel, umedecendo a pedra você pode fazer a tiragem.... Ela é mais rápida que as outras técnicas de gravura.

Letícia: Tem que sempre umedecer?

Valdir: Sempre!

Valdir: Um bom impressor, alguém experiente, consegue com auxílio do ajudante, lógico, consegue fazer 200 cópias no dia, muito rápido! Na gravura em metal e na xilo é mais difícil reproduzir tanto em um dia. Mas a serigrafia é mais rápida ainda para impressão!

Letícia: Como fazer mais de uma cor? E se você não consegue ver direito? porque a serigrafia você coloca, tem a transparência, você se ajusta agora e ali, como funciona?

Valdir: Isto é feito por ponto. O ponto é feito quando eu faço uma cópia de uma transparência, pode ser o vegetal ou acetato.

Valdir: Faço uma cópia do acetato, por exemplo. Uma segunda cor pode ser cópia. Fiz acerto em cima da imagem e aí eu pego o ponto na imagem no cantinho e furo com agulha.

Valdir: E aí eu venho com a agulha e acerto. Nesse ponto eu acerto e abaixo o papel. A serigrafia é mais fácil porque você pode usar o canto do papel.

Valdir: Ou você controla bem, o melhor registro é pela imagem, porque o papel pode flutuar pra cá, pra lá e pode sair fora. Mas a imagem não, tá dentro, tá no papel.

Valdir: A litografia é o conjunto de coisas e materiais para dar certo, começa com uma boa limpeza da pedra, um material bom de desenho, um lápis. Controlar a temperatura, isso ajuda a tinta. Ela não pode ser uma tinta oleosa, é uma tinta diferente, não dá para aproveitar a tinta da serigrafia, tem que ser mais dura, mais seca, não pode ter tanto óleo.

Valdir: Se eu continuo depositando material muito oleoso o desenho começa a escurecer, você vai perdendo os meios tons, então tem que respeitar. É um processo químico, é preciso respeitar o tempo da pedra. Você desenha e deixa descansar porque a pedra vai absorver essa gordura que está no material, depois você troca tinta, e tem situação onde você tem que acidular a pedra.

Valdir: Lógico, são gotas, mas para cada cinza eu faço uma acidulação diferente. Depois de estabilizada, tudo certo aí fica fácil e rápido. Antigamente, era usado como propaganda e posso dizer que era mais fácil porque o desenho que estava na pedra, a informação que estava na pedra eram fechados, eram pretos chapados, então não tinha o problema dos meios tons, o que fica mais fácil de você controlar.

Valdir: Se você não dominar o processo, e ele é demorado demorar para aprender, o impressor vai levar uns dez anos, é muito importante isso. Então os artistas acabam também desanimando de se dedicar assim.

Letícia: Você já perdeu algum desenho de algum artista?

Valdir: Sim.

Letícia: E o que fazer nessa situação?

Valdir: Ou a artista aceita do jeito que está, que alterou ou mudou, perdeu alguns tons. Às vezes era legal o resultado, mas às vezes ele não é o que ela queria. Qual a função de um impressor? Era retirar e passar para o papel o que estava na pedra.

Valdir: Então às vezes acontecia de escurecer o cinza, como é um processo químico, eu disse que tudo tem que estar equilibrado. A Temperatura, a tinta, o material que você desenhou no papel, a pressão, tudo é equilíbrio. Se tudo estiver equilibrado, você vai retirar o que está na pedra, se não apareceram os problemas, como era comum as pedras quebrarem, por exemplo.

Valdir: E quando quebra aí era um desastre. Mas o mais comum era isso, era escurecer a imagem, mudar até no decorrer da tiragem, se perder, isso acontecia bastante.

Letícia: Qual foi essa primeira gravura? Você tem ela.

Valdir: Tenho sim

Letícia: É gravura em metal?

Valdir: Sim, usei uma técnica de água tinta e água forte com as duas cores, duas chapas. Tenho a minha primeira gravura em metal que eu fiz a impressão do artista. Não lembro mais o nome do artista, mas eu tenho guardado comigo porque o dono do ateliê, nesse espaço, acabou passando para uma outra pessoa.

Valdir: Esqueci, o Octávio Pereira fechou negocio com o Élcio Mota, que era um colecionador de gravura. Ele ia nesse espaço para comprar as gravuras e aí foi. E é tanto lá que voltava para pedir. Ofereceu para ir numa sociedade 50% até o ponto de depois ele vender tudo para o seu Élcio. Aí o Octávio Pereira acabou sendo um funcionário.

Valdir: Ele começou a fazer a função de só convidar os artistas, convencer o artista a sair da sua zona de conforto.

Letícia: E qual a inspiração que você tem para desenvolver suas gravuras?

Valdir: É assim, eu até faço gravura, não me vejo como artista, faço minhas gravuras sem compromisso nenhum com mercado, nenhum com os artistas, com galeria. Eu faço o que dá na telha, eu desenho o que eu quiser, faço.

Valdir: Os alunos da daqui do CAP, as artes plásticas. Eu vou fazer a tiragem. Minha função é ensinar para eles dentro da escola, dentro da disciplina de serigrafia, xilo, etc. Então, quando eu estou fazendo a minha gravura, eu estou tendo o domínio do espaço.

Valdir: Quando eu estou fazendo gravura, eu vou fazer uma água forte, por exemplo, eu tenho que aplicar um verniz sobre a matriz, sobre a placa de cobre e eu preciso saber como é que tá esse verniz. Eu desenhando eu preciso colocar no mordente, eu preciso saber como é que tá esse mordente.

Valdir: Porque quando o aluno ele for fazer a dele e fazer perguntas, sei como é que está o verniz, eu sei como é que está o ácido. Eu tenho que saber como é que ela está funcionando. Preciso mexer com a tinta, de novo, quando estou fazendo a minha gravura, eu tenho um domínio do espaço. Como é que está a tinta? Como é que está o verniz, né? Fora que é super agradável de se fazer o seu trabalho também, é muito legal e é uma coisa que eu quero dizer que como eu fui impressor e

tinha aquela obrigação de repetir as cópias e ser fiel, tinha que durar cópia e ficar olhando para ser super parecidas. É lógico, vão ficar próximas parecidas, mas não vão ficar uma igual a outra.

Valdir: Sempre vai ter diferença. Mas eu quero dizer que quando eu estou fazendo a minha gravura eu não consigo repetir várias cópias. Uma é diferente da outra. Eu vou fazendo mudanças, eu vou desenhando em cima das cópias, eu vou deixando mais tinta, menos tinta. Isso é muito legal. Então eu não consigo mais ficar repetindo, eu também nem preciso mais fazer isso.

Valdir: Isso eu gosto. Eu vou fazer quatro cópias e não vão ser idênticas, elas vão mudando, cada uma vai saindo uma diferente da outra.

Letícia: Que legal, e você já expos as gravuras que você fez?

Valdir: Sim

Letícia: Onde?

Valdir: Em Caraguatatuba, em uma exposição do Sesc Pompeia... Era muito, muito legal nesse curso do Sesc. Nessa aula com o Evandro, durante a aula um dos alunos, artistas pode expor seu trabalho. Então tinha um espaço de uma parede, um muro e aí você apresentava seu trabalho e era muito legal isso.

Valdir: E nossa, eu adorava, porque aí tinha o olhar, o comentário do seu colega que estava lá, do aluno, dos artistas e, lógico, comentário do Evandro. No final você falava sobre o seu trabalho, e isso não acontece aqui, você não tem o espaço desse para você conseguir apresentar o seu trabalho, dessa forma. Então era muito, muito legal.

Valdir: Dentro desse curso. Então eu fiz uma dessas exposições. Meu trabalho é uma coisa interna, então não me acho um artista. Sou um técnico e impressor, mas que também gosta de gravar.

Letícia: Qual a importância da prática e da insistência para conseguir entender e chegar no resultado esperado?

Valdir: No começo, quando eu parei de trabalhar com o artista e fui trabalhar na aula com o aluno que está iniciando, está cru, sabe nada. Então eu sofria muito tentando passar essa informação para o aluno e ensinar.

Valdir: Eu vou falar sobre a técnica, quando você apresenta um desenho para mim eu vou indicar para você qual técnica vai ser favorável para esse desenho. E aí tá a parte sofrida porque eu quero ensinar o aluno a tirar da matriz o que está na chapa que ele desenhou e o que ele colocou através

da técnica escolhida por ele.

Valdir: Então eu sofri muito e queria repetir isso, mas com o tempo eu fui perdendo isso, porque não adianta você falar de prática, a prática, você tem que praticar, você tem que ter um tempo de ateliê, você imprime, repete, repete, repete e repetindo que você vai aprender. Eu, quando eu olhava a estampa, olhava a cópia do aluno e o jeito que ficava, eu sofria com isso (Risadas).

Valdir: Mas com o tempo eu fui perdendo e vendo que não é assim, você não está lidando com arte em si, o artista formado, você está lidando com o aluno que está aprendendo, né? Aí se via aquela cópia suja, aquele chanfro, e vai o aluno e diz “Eu gosto dessa parte suja”, no fim é bom que ele está gostando.

Leticia: Como é que você acha que essas experiências contribuíram? Tipo de você estar com o aluno e estar com um artista no seu desenvolvimento profissional?

Valdir: Porque diferente, né? Você trabalhar o individual, você trabalhar com o artista que tem todo uma experiência e fala quero pôr X, quero essa cor, quero desse jeito, o aluno é diferente, porque o artista vai passar para você a informação ou impressão que ele quer. O técnico vai passar para o aluno que está começando os caminhos que ele pode percorrer.

Valdir: É no coletivo, é lógico, coletivo. É muito mais difícil. Imagine você ter 20 alunos produzindo aqui nesse espaço, as vezes tem até mais 30 alunos. Você tem que estar de olho ali. O aluno que tá com a chapa no acido, o outro que está queimando ali o verniz, o outro que está na prensa, o outro que está desenhando.

Valdir: Então, é lógico, se torna algo muito mais estressante e você tem que se controlar, né? Porque é estressante trabalhar, lógico, com 20, 30 alunos, do que se trabalhar com artista no individual. Mas lá no Sesc Pompeia foi o que propôs isso para mim. É legal porque aprendi a trabalhar com o coletivo.

Valdir: Então, se eu não tivesse entrado primeiro ano no Sesc e desenvolvido isso, porque se tem que ter muita calma, o olhar é diferente. Se eu estou dizendo que estou aqui no espaço, eu tenho que estar de olho no que está do outro lado, está desenhando...O domínio do espaço, então é muito cansativo e estressante.

Leticia: O que tem de diferente entre o Sesc e aqui?

Valdir: As pessoas, as amizades, se formou um grupo lá. Aqui na universidade vocês vão embora, Então vocês aprendem um pouco, cada um é lógico, vai se identificar com a cerâmica e você vai se dedicar o seu tempo muito mais na cerâmica ou na fotografia, ou na pintura ou na gravura,

Entendeu? Só que vocês passam, vocês vão embora.

Valdir: Nesse curso do Sesc Pompeia as pessoas permaneciam. Então tinha lá pessoas que estavam lá, tinham 20 anos que estava junto no curso com o Evandro. Então a amizade sabe.

Letícia: A gente sabe que você tem uma família que tem uma tradição em gráfica, você comentando sobre seu tio já, mas tem o seu irmão também, que ele entrou nesse meio. Você pode falar um pouquinho sobre como é que é ter essa família desse jeito.

Valdir: Então, quando eu estava já na gravura em metal, como impressor e o meu irmão jovem. Precisava trabalhar e nesse espaço saía muita gente. As pessoas passavam, gostavam, nem todo mundo gostava. E aí abriu, esse espaço, essa vaga, eu pedi para o Elcio Mota, nosso chefe, pedi para ele para contratar.

Valdir: Eles contrataram o meu irmão, que entrou como ajudante e aí ele me ajudou na gravura em metal. Ensinei meu irmão nessa parte, lógico que ele passou por ali e ele também aprendeu a lito, tinha uma noção, mas o que ele aprendeu mesmo foi a gravura em metal.

Valdir: Quando abriu uma vaga para técnico lá na Faculdade Santa Marcelina, como ele tinha noção, eles precisavam de uma pessoa para ser técnico do ateliê de gravura de lá, ele foi para a Santa Marcelina e eu vim para a USP no mesmo ano, abriu vaga para técnico na Santa Marcelina e abriu a vaga aqui pra USP.

Valdir: Logo depois abriu também lá para uma na Unicamp. E como eu escolhi vim trabalhar na USP porque né, o Marco me convidou e o Evandro disse “nossa, tem que ir pra USP”. E aí ficou essa vaga na Santa Marcelina e eu indiquei meu irmão, que já tinha uma experiência nessa área e ele ficou lá. Aí aprendeu cerâmica, fez escultura, modelagem e não só gravura de metal, serigrafia... então ele tem lá 23 anos que está lá e eu 23 anos que eu estou aqui. Então a família continuou isso que meu tio Sebastião Flores Teixeira passou para a gente.

Letícia: E ele ainda tá lá?

Valdir: Sim, tá lá. O meu irmão continua trabalhando como técnico na Faculdade Santa Marcelina é uma referência lá, uma pessoa muito importante.

Letícia: E vocês trocam as experiências que vocês tem no ateliê?

Valdir: Sim, sim, hoje ele me ensina, me passa informações ou sobre material ou sobre técnica para mim. Eu passo para ele, é uma troca, quando ele tá com problema lá, ele precisa de uma prensa, a gente da um jeito. Eu desenvolvi prensa e vendi lá para pra Santa Marcelina, e ele também

me passa as outras coisas, as técnicas que aprendeu lá, tem sido uma boa troca.

Letícia: Então já que você entrou nesse assunto, a gente sabe que entre os gravadores, seus materiais, os rolinhos, são muito bem elogiados. Como é que você se sente em relação a isso e como começou esse processo de você criar materiais?

Valdir: [...] começou com falta de materiais no mercado e [...] No Sesc tinham muitos alunos que queriam comprar uma prensa de gravura em metal e eu já estava com esse projeto meio de produzir prensa, porque nesse primeiro emprego, no ateliê de gravura da Ymagos, eles mudavam muito de sala, então subia e descia o lugar da impressão e quem tinha que fazer essa desmontagem e montagem da prensa era o impressor, eles não iam contratar quem fabricou a prensa.

Valdir: E aí eu comecei a desmontar, montar, desmontar... começou a aparecer para mim essa parte de fazer desmontagem, montagem ou manutenção dessas prensas de gravura em metal. E eu comecei a fazer transporte, montagem e desmontagem, manutenção. Então eu já tinha noção de como é que funcionava a prensa.

Valdir: E aí um dos alunos, o Milton, perguntou: "Por que você não fabrica uma prensa?" E aí, com o auxílio do Evandro Carlos Jardim, que disse: "Faz, vamos fazer!" E a gente desenhou junto. Lógico, nós olhamos para as prensas que já existem no mercado. Fiz o desenho, desenhamos, pegamos as medidas e, junto com um torneiro, lógico, torneiro mecânico, eu passei o desenho pra ele, as medidas que eu queria e desenvolvi uma primeira prensa de gravura em metal.

Valdir: Hoje em dia ela foi lá pra Jundiaí, Jundiaí não... ela foi pra Jundiaí e hoje ela foi para Minas, Minas Gerais. Eu não parei mais de fabricar a prensa, fiz várias prensas, sei lá, eu perdi a conta, mais de 20 prensas, já foram feitas e já foram vendidas. E fica faltando no mercado porque os fabricantes de prensas um faleceu e o outro parou de fazer.

Valdir: Não tinha mais ninguém fabricando prensas e eu comecei a fazer, sem mostrar nada, sem apresentar mais uma indicação, assim individual, não faço propaganda nenhuma. Então os alunos que estavam no curso se interessavam. O rolo, o rolo de impressão de borracha, a mesma coisa.

Valdir: Eu com o impressor eu via que tinha alguns erros ali dentro do rolo. O suporte e a borracha estavam muito encostados dentro do garfo, dificultava na hora da limpeza. E aí eu desenvolvi um com mais espaço, mais fácil de limpar e fica mais fácil para os alunos e impressores. E eu comecei a fazer rolo de borracha também, mas tudo isso... disco de granitagem, prensa pra xilo, prensa. Em geral, tudo isso é por causa do mercado.

Valdir: Não adianta você querer fabricar 20, 30 prensas se não tem mercado para isso. Então aí podem perguntar: "Nossa Valdir, você tá fazendo prensa? A prensa é cara... é cara e é caro para

fabricar a mão de obra. Então você não ganhava muito dinheiro, ganharia muito dinheiro com a prensa se estivesse um mercado que absorvesse tudo isso, lógico, ia começar a só ficar trabalhando com prensas, com materiais para gravura, dá muito mais dinheiro.

Valdir: Mas é um mercado muito pequeno, então eu pude dar essa contribuição para as artes, essa parte também de material.

Letícia: E o disco, ele foi uma invenção sua, não?

Valdir: Não, o disco de granitagem não. Isso eu vi em uma revista, num catálogo de materiais de prensa, eu me inspirei em prensas também produzidas nos Estados Unidos. Esse disco já existia no ateliê da Ymagos, o primeiro contato com esse disco foi lá.

Letícia: Tá, é o disco que se usa para lito...

Valdir: É de lá. Aqui em São Paulo não tem ninguém fabricando, ninguém fazendo isso, eu comecei a fazer e vendi para os ateliês. Então é sobre encomenda, precisa de um disco? Vou fazer esse disco, por isso que é caro, acaba ficando caro porque você não faz uma escala de grandes quantidades e se fizer grandes quantidades, vai ficando mais barato.

Valdir: Como é individual. Faz um disco, faz um rolo, faz uma prensa, fica muito caro para desenvolver.

Letícia: Como é que você se sente passando antes na frente do local da antiga Ymagos? Você passa por lá?

Valdir: Passo. Eu passei pouco tempo lá e o espaço foi vendido, provavelmente vão construir um prédio lá, é o que está acontecendo em São Paulo.

Letícia: Mas ainda existe a gráfica?

Valdir: Não, foi vendido, já fechou. Eu fiquei triste, mas as lembranças são boas, as lembranças são muito boas. Eu sou muito grato ao meu tio, lógico, ao espaço da Ymagos, ao Seu Élsio Motta, que me deu a oportunidade, que eu abracei e aprendi o ofício. Eu sou muito grato a eles. Se o que eu sou hoje, o que eu tenho e o que eu aprendi foi por causa dele. Ele me deu a oportunidade, o aprender, me deu a prensa. É lógico que tem que partir de você. Poderia ficar lá levantando pedra 13 anos, sabe? Granitando pedra. O crescer e o avançar da vida vai depender de você.

Valdir: Isso é mais de você do que o lugar que você está. Ali, no lugar que você está é só o início, o começo para você poder crescer. Vai depender de você, também. Eu tive o interesse de sair

daquela parte de gravidade, que eu não aguentava mais, de sair da parte de esponjador, o ajudante da prensa, porque também não aguentava mais ficar o dia inteiro, parecia uma academia.

Valdir: [...] lito é uma academia, pega a pedra, a prensa que é pesada, sabe tudo muito pesado. Era uma academia, então eu não aguentava mais e eu não tinha o suporte físico, não era forte, era magrinho, não tinha nem condições de ficar lá na litografia. O engraçado é que os impressores, a maioria dos ajudantes eram todos muito fortes, então, como eles já tinham uma tendência, é disso que eu estou falando, você está fazendo força, musculação todo dia e ficam mais fortes ainda. Eu era muito magro, então não via a hora de sair dali e querer ser impressor e querer imprimir, porque lógico, o impressor não vai rodar mais a prensa, é só entintar, é muito legal e aí você terá esse contato com o artista.

Valdir: Você está ali discutindo o artista, que cor que vai colocar, sabe? Escolha a escolha da cor, escolha do papel. É muito gratificante, muito legal. E o impressor tinha um código de ética no ateliê, que é assim toda tiragem que era feita, o impressor ganhava a sua cópia. Quem não queria ser impressor? E o ajudante não ia ganhar, mas o impressor ganha uma cópia.

Valdir: Todo mundo queria uma cópia do Roberto Burle Marx, da Maria Bonomi, que tinha um preço, tinha um valor, era caro. Então, você imagina dentro do espaço, tá lá um artista que tem nome no mercado, que vende bem, então o impressor já ficava de olho naquela imagem, o cara já pedia para fazer a impressão, porque a cópia que ele ia ganhar vendia bem.

Valdir: Depende de você, seu esforço, o que você quer ser e das oportunidades que aparecem para você e você tem que pegar. Até foi dito quando eu comecei a fazer prensa, acho que o Evandro falou: "Se você não pegar, o outro vai pegar e passar na frente dessa oportunidade."

Valdir: A minha vida é feita de oportunidades, desde o começo as oportunidades vinham e eu pegava. Engraçado, eu não sou formado em artes, a minha formação é totalmente prática, se começa como ajudante até você virar um impressor.

Letícia: É [...] então, pra finalizar, qual é a sua visão para o futuro da gravura e para as técnicas artísticas no geral? Assim, quais os desafios e oportunidades que você vê nesse meio artístico para os próximos anos? O que você acha que vai acontecer com relação a isso?

Valdir: É difícil [...] a gravura tá aí faz séculos, e o mercado é assim mesmo, ele flutua. Vou dar um exemplo, teve época que o material para o artista era difícil de encontrar, então a tinta, o material de desenho, depois de uns anos isso acabou, a Casa do Artista, Pintar, as lojas começaram a importar material, as tintas, material de desenho, lápis, pincel e até a prensa. Então isso aquece o mercado, e agora, nesse momento, diminuiu de novo, então é isso.

Valdir: O legal é que o artista desenvolve o seu próprio trabalho assim como ele cria, no desenho, na pintura, na gravura, ele vai produzir a tinta dele, o material dele. Como eu to dizendo, como não tem no mercado, não tem rolo, não tem disco de granitagem da pedra, não tem a prensa, eu fui para o mercado e to fazendo. Ele, o artista, vai fazer a mesma coisa. Mas isso acontece no mercado... hoje, eu entendo que estamos passando por uma fase difícil, mas isso passa, isso muda, de repente lá na frente esquentar de novo e as coisas voltam ao normal.

Leticia: Tem mais alguma coisa que você achou que faltou perguntar ou algo que você queria falar mais sobre?

Valdir: Não, acho que as perguntas foram bem-feitas.

Leticia: Então tá bom, muito obrigado por ter vindo aqui e ter respondido todas as perguntas. Nós vamos editar todo o material e vamos te enviar direitinho.

Valdir: Eu queria enfatizar que adoro o que eu faço e hoje poder ensinar e poder passar todo esse conhecimento para vocês. Não nego nenhuma informação. Tento sempre passar, lógico, o melhor para vocês, mas é lógico que vai depender de cada um. E é isso, eu sou muito grato por estar aqui no CAP, nessa universidade, e por poder passar todo meu conhecimento, obrigado.